



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICA E DA SAÚDE**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Modalidade: Licenciatura**

**WILLIAN SANTOS LOPES**

**RECURSOS PEDAGÓGICOS E DE ACESSIBILIDADE PARA ESTUDANTES  
COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: contribuições  
para a inclusão a partir de uma revisão de literatura integrativa.**

**São Luís**

**2025**

**WILLIAN SANTOS LOPES**

**RECURSOS PEDAGÓGICOS E DE ACESSIBILIDADE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: contribuições para a inclusão a partir de uma revisão de literatura integrativa.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Maranhão

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Lívia da Conceição Costa Zaqueu

**São Luís**

**2025**

WILLIAN SANTOS LOPES

**RECURSOS PEDAGÓGICOS E DE ACESSIBILIDADE PARA  
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA:**

contribuições para a inclusão a partir de uma revisão de literatura  
integrativa.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) a ser apresentado ao Curso  
de Licenciatura em Educação Física  
da Universidade Federal do Maranhão  
para obtenção do grau de Licenciado  
em Educação Física.

Aprovado 27/02/2025

**Banca Examinadora**

---

**Profa. Dra. Lívia Da Conceição Costa Zaqueu**  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa. M<sup>a</sup>. Cleomar Lima Pereira**  
Instituto Federal do Maranhão

---

**Profa. Dra. Elizabeth Santana Alves de Albuquerque**  
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos Lopes, Willian.

Recursos pedagógicos e de acessibilidade para  
estudantes com deficiência física nas aulas de Educação  
Física. : contribuições para a inclusão a partir de uma  
revisão de literatura integrativa / Willian Santos Lopes.  
- 2025.

32 p.

Orientador(a): Lívia da Conceição Costa Zaqueu.

Curso de Educação Física, Universidade Federal do  
Maranhão, São Luís, 2025.

1. Acessibilidade. 2. Educação Física. 3. Inclusão.  
4. Recursos Pedagógicos. I. da Conceição Costa Zaqueu,  
Lívia. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha família, pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem no meu caminho. Em especial, expresso minha profunda gratidão ao meu pai, cuja presença e ensinamentos foram fundamentais em cada etapa desta jornada.

À minha namorada e companheira de vida, Juliana Rivas, minha parceira em todos os momentos, obrigado por todo o amor, incentivo e paciência. Sua presença tornou este percurso mais leve e significativo.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, oferecendo suporte, palavras de encorajamento e, muitas vezes, uma mão amiga nos momentos difíceis, meu sincero agradecimento. Thiane Farias, Cezar Leonardo, Pedro Gabriel, Edson André e Diego Dominice, cada um de vocês contribuiu de maneira especial para que esta etapa fosse concluída.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa caminhada, minha mais sincera gratidão. Este trabalho é, de alguma forma, reflexo do apoio e carinho que recebi ao longo do caminho.

Dedico este trabalho à memória da minha mãe, cuja presença continua viva em meu coração. Sua força, amor e ensinamentos são a base de tudo o que sou e conquisto. Que esta realização seja uma forma de honrar seu legado e todo o amor que sempre me dedicou.

**RECURSOS PEDAGÓGICOS E DE ACESSIBILIDADE PARA ESTUDANTES  
COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
contribuições para a inclusão a partir de uma revisão de literatura integrativa.**

**Pedagogical and Accessibility Resources for Students with Physical Disabilities in  
Physical Education Classes: contributions to inclusion based on an integrative  
literature review.**

Willian Santos Lopes<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Este estudo levantou na literatura científica artigos sobre a aplicação de recursos pedagógicos e de acessibilidade para estudantes com deficiência física nas aulas de Educação Física, identificando suas principais contribuições para a inclusão. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão integrativa da literatura, na qual foram investigadas as práticas pedagógicas adotadas, os desafios enfrentados e os benefícios proporcionados pelo uso de recursos adaptativos, físicos e tecnológicos no ambiente escolar. Apesar da existência de normativas legais voltadas à inclusão, observou-se que sua implementação ainda enfrenta barreiras significativas, especialmente em escolas públicas, devido à desigualdade no acesso a recursos e capacitação docente. Os resultados evidenciaram a importância da formação contínua dos professores para o uso adequado dessas ferramentas, além da necessidade de adaptações estruturais nas escolas para garantir a participação efetiva desses estudantes. Concluiu-se que a inclusão vai além dos recursos materiais, exigindo mudanças de atitudes e práticas dentro da escola, em um processo contínuo de adaptação e fortalecimento da empatia.

**Palavras-chave:**

Acessibilidade; Educação Física; Inclusão, Recursos pedagógicos.

**ABSTRACT:**

This study examined scientific literature articles on the application of pedagogical and accessibility resources for students with physical disabilities in Physical Education classes, identifying their main contributions to inclusion. The research was conducted through an integrative literature review, investigating the pedagogical practices adopted, the challenges faced, and the benefits provided by the use of adaptive, physical, and technological resources in the school environment. Despite the existence of legal frameworks aimed at inclusion, their implementation still faces significant barriers, especially in public schools, due to inequalities in access to resources and teacher training. The results highlighted the importance of continuous teacher development for the proper use of these tools, as well as the need for structural adaptations in schools to ensure the effective participation of these students. The study concluded that inclusion goes beyond material resources, requiring changes in attitudes and practices within the school in a continuous process of adaptation and strengthening of empathy.

**Keywords:**

Accessibility; Physical Education; Inclusion; Pedagogical resources.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física, tradicionalmente voltada para o desenvolvimento do corpo, vai além das barreiras físicas do movimento. Ela promove a união, fortalece vínculos e contribui para a saúde física e psíquica. No entanto, Almeida afirma que essa realidade muitas vezes não alcança todos de maneira igual. Estudantes com deficiência física ainda enfrentam grandes obstáculos para garantir sua plena participação. Nesse contexto, torna-se urgente um olhar atento e a reinvenção do conceito de inclusão no ambiente escolar.

A Lei Brasileira de Inclusão-LBI, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, aprovada em 2015, representa um marco transformador. Ela assegura, entre outros direitos, a participação efetiva de todos os estudantes nas mais diversas esferas educacionais (Brasil, 2015). Contudo, compreendemos que por mais robusta que seja a legislação, a verdadeira mudança acontece no cotidiano. A dificuldade em adaptar métodos e recursos ainda é uma realidade presente. Muitos educadores enfrentam lacunas significativas no que diz respeito ao conhecimento sobre práticas inclusivas (Ferreira; Zoboli, 2021).

Os recursos pedagógicos surgem como ferramentas fundamentais para essa transformação. Mais do que simples adaptações de materiais, eles possibilitam que a Educação Física se torne um espaço de pertencimento para todos os alunos. Esses recursos rompem barreiras invisíveis e promovem não apenas o movimento físico, mas também a interação social e emocional (Costa; Silva, 2020). A personalização do ensino permite que as atividades sejam adaptadas às necessidades individuais dos alunos. Dessa forma, cada corpo, com suas limitações e habilidades, é respeitado e estimulado na mesma medida.

É importante destacar que os desafios em relação à Educação inclusiva no Brasil ainda são inúmeros. Frente a esta questão, não basta apenas adaptar materiais, é necessário modificar olhares e transformar metodologias que ainda são rígidas e pouco conectadas com a diversidade presente nas escolas (Monteiro; Manoel, 2009). Durante muito tempo, as aulas de Educação Física seguiram modelos padronizados, ignorando as inúmeras possibilidades de inclusão no ambiente escolar (Ferreira, 2021). No cenário educacional atual, constatamos a necessidade urgente de reformular o espaço escolar para que ele não apenas desenvolva habilidades motoras, mas também promova a inclusão plena.

De modo geral, consideramos que os professores desempenham um papel central nessa mudança. Com formação adequada e suporte institucional, eles podem desenvolver práticas pedagógicas que enxerguem a diversidade como um valor, e não como um desafio. Entretanto, sem treinamento específico, muitos profissionais encontram dificuldades para adaptar suas aulas e garantir a participação de todos os estudantes (DIAS et al., 2018). Dessa forma, a inclusão não depende apenas de recursos físicos, mas da conscientização sobre o papel do educador como mediador do aprendizado inclusivo.

As tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental na inclusão educacional de estudantes com deficiência, pois permitem a adaptação do ambiente escolar e facilitam o acesso ao aprendizado. Segundo Bersch (2009), esses recursos são essenciais para promover autonomia e participação ativa, tornando a educação mais equitativa e acessível. Elas facilitam a comunicação, promovem a mobilidade e garantem maior autonomia aos alunos. Além de impactar a prática educativa, essas ferramentas transformam a vida dos estudantes, tornando-os protagonistas em um ambiente que antes poderia parecer inacessível (Ferreira, 2021). No entanto, a inclusão não se limita ao uso de tecnologia. É fundamental garantir espaços físicos acessíveis e métodos de ensino diversificados, aliados à sensibilização dos docentes. Cada recurso adaptado e cada mudança na metodologia contribuem para um ambiente que respeite os limites e potencialidades de cada estudante (Darido; Rangel, 2005).

Portanto, a inclusão na Educação Física vai muito além de ajustes pontuais. Ela exige uma abordagem ampla, considerando as necessidades dos alunos em todas as suas dimensões. O que está em jogo não são apenas mudanças metodológicas ou estruturais, mas a construção de um ambiente educativo no qual todos possam se desenvolver plenamente. Dessa forma, a inclusão deve ser a base fundamental do ensino. Os recursos pedagógicos e de acessibilidade tornam-se os pilares invisíveis, mas indispensáveis, para sustentar esse processo (Almeida, 2018).

Diante do exposto, reformulou-se a seguinte questão central: De que maneira realizar uma revisão integrativa com foco na utilização de recursos pedagógicos e de acessibilidade voltados ao ensino e inclusão de estudantes com deficiência física nas aulas de Educação Física? Para tanto, este artigo teve como objetivo levantar na literatura científica artigos sobre o uso de recursos pedagógicos e de acessibilidade nas aulas de Educação Física para estudantes com deficiência física. A relevância deste artigo volta-se para os professores que possuem estudantes com deficiências físicas com sugestões de

recursos pedagógicos que possam ser amplamente utilizados em suas práticas pedagógicas e aos estudantes que se beneficiarão de suas aulas de forma mais criativa e que possibilitem interações e aprendizagens.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **A Importância da Educação Física Inclusiva**

Quando pensamos na Educação Física, logo nos vem à mente imagens de corridas, saltos e interações dinâmicas, mas o que ela realmente representa para a escola e para os estudantes vai além dessas cenas clássicas, mais do que incentivar a prática de atividades físicas, ela é um espaço onde todos os alunos, independentemente de suas condições, podem se expressar, socializar e desenvolver suas habilidades de forma única, nesse contexto, a inclusão na Educação Física vai muito além de um princípio legal; é uma filosofia que abre portas para que cada um se sinta visto e valorizado, como bem colocam Darido e Rangel (2005), é na diversidade que o potencial de cada indivíduo se revela, e cabe à Educação Física nutrir esse espaço de desenvolvimento. A questão que se coloca, então, é como transformar esse ambiente escolar em um verdadeiro espaço inclusivo, capaz de abraçar as mais variadas capacidades e limitações, se por um lado temos a ideia de uma inclusão pura e simples, por outro lado, é preciso compreender que a adaptação das aulas vai muito além de apenas incluir um aluno no grupo, significa pensar em suas necessidades específicas, compreender seu ritmo, suas limitações e as potencialidades que podem ser despertadas, conforme apontado por Costa e Silva (2020). A inclusão é, portanto, um processo contínuo de escuta, aprendizado e, principalmente, de aceitação das diferenças.

Esse processo de adaptação tem um impacto imensurável na autoestima dos alunos. Para aqueles com deficiência física, a Educação Física inclusiva representa, muitas vezes, uma chance de mostrar que são capazes de se envolver, aprender e conquistar, mesmo diante dos desafios que enfrentam, não se trata apenas de mover o corpo, mas de mover os limites que nos impomos, fortalecendo a autoconfiança e a percepção de pertencimento. Costa e Silva (2020) ressaltam que uma inclusão bem-feita não só aprimora as habilidades motoras, mas constrói uma sólida identidade, permitindo que os estudantes com deficiência enxerguem um futuro de oportunidades, sem se sentirem marginalizados ou desvalorizados.

Ao falarmos de inclusão, no entanto, precisamos ir além das boas intenções e entender que há barreiras reais a serem enfrentadas, a implementação de uma Educação Física inclusiva exige muito mais do que a simples adaptação de algumas atividades, exige uma mudança no olhar da comunidade escolar, professores, colegas e gestores, a prática diária precisa romper com os preconceitos e estigmas que, muitas vezes, envolvem os alunos com deficiência, conforme enfatizam Monteiro e Manoel (2009), é fundamental que a inclusão seja vista não apenas como uma necessidade, mas como um princípio estruturante de todas as práticas pedagógicas. Não podemos ignorar a relevância das diretrizes estabelecidas pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI), sancionada em 2015, que se tornou um marco na legislação nacional ao garantir aos alunos com deficiência a igualdade de direitos educacionais e acessibilidade, ela não trata de uma inclusão apenas formal, mas de uma verdadeira reestruturação dos serviços educacionais para que todos, sem exceção, possam usufruir das mesmas oportunidades de aprendizado e crescimento, a LBI é clara, a deficiência não deve ser um obstáculo, mas sim um ponto de partida para a construção de soluções pedagógicas adaptadas (Brasil, 2015).

Mas, mesmo com essa legislação em mãos, é importante refletirmos sobre o quanto a aplicação prática de tais leis tem sido eficaz nas escolas, ao contrário do que muitos pensam, incluir não é o mesmo que adaptar, para que a Educação Física seja de fato um instrumento de inclusão, é preciso ir além das adaptações de conteúdos e trabalhar também com as estruturas físicas, com o olhar atento às dificuldades de mobilidade, entre outras especificidades, é essencial pensar em estratégias de ensino que permitam que os alunos participem ativamente, promovendo a verdadeira inclusão, como sugerem Dias et al. (2018).

Aqui, entra a importância dos recursos pedagógicos e das tecnologias assistivas, que têm sido uma aliada poderosa na construção de uma Educação Física mais inclusiva, equipamentos adaptados, materiais de acessibilidade e novas ferramentas de ensino podem fazer uma enorme diferença. Ferreira e Zoboli (2021) ressaltam que essas tecnologias não devem ser vistas apenas como suplementos, mas como elementos centrais que viabilizam a participação dos alunos em pé de igualdade com seus colegas, é a partir da adaptação do ambiente e da abordagem de ensino que as diferenças podem se dissolver e transformar a aula em uma experiência significativa para todos. Por fim, a verdadeira magia da Educação Física inclusiva não se encontra apenas na adequação de ferramentas ou métodos, mas na criação de uma cultura escolar que celebre as diferenças, quando essa

cultura se espalha pela escola, quando professores, alunos e funcionários entendem a importância da empatia e da solidariedade, então a inclusão deixa de ser um projeto pontual e se torna uma vivência diária.

Em última análise, a inclusão transforma a escola em um lugar onde cada aluno tem espaço para brilhar, não por ser igual, mas por ser único, assim como destacam Darido e Rangel (2005), é a partir dessa celebração das diferenças que um futuro verdadeiramente inclusivo se constrói, reforçando o poder da diversidade na formação de uma sociedade mais justa e humana.

### **Recursos Pedagógicos Adaptados: Abrindo Caminhos para a Inclusão nas Aulas de Educação Física**

Incluir estudantes com deficiência física na Educação Física não é apenas uma demanda legal, é um chamado ético para que o ato de ensinar abrace a diferença e crie oportunidades verdadeiramente iguais, para que isso aconteça, o uso de recursos pedagógicos adaptados se torna uma espécie de chave-mestra, destrancando portas que há tempos permanecem fechadas, essas ferramentas, cuidadosamente planejadas, tornam possível o que antes parecia distante, transformando barreiras em pontes (Ferreira & Zoboli, 2021). Um exemplo que quase salta aos olhos e também aos ouvidos, é o das bolas com guizos, esse recurso simples, mas genial, ajuda estudantes com deficiência visual a participar de jogos e esportes de maneira segura e eficaz, mais do que isso, possibilita que sintam o pulsar da atividade física, o que vai muito além do movimento corporal. Darido e Rangel (2005) afirma que adaptações assim permitem que os estudantes vivenciem experiências colaborativas, integrando-se à coletividade sem que suas limitações sejam vistas como obstáculos intransponíveis.

Os espaços escolares, muitas vezes frios e rígidos, também precisam ser redesenhados para acolher esses estudantes de maneira digna, acessibilidade, nesse contexto, não é luxo; é direito, rampas, pisos adequados e áreas de jogos adaptadas passam a "falar" de inclusão, como se cada elemento estivesse ali para afirmar que aquele espaço é de todos, a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) não poderia ser mais clara: acessibilidade é uma garantia que vai além das estruturas, ela ecoa no respeito que damos a quem dela precisa, Mantoan ressalta um ponto, quando diz que a educação inclusiva, especialmente no campo da Educação Física, é um processo que vai além da adaptação de materiais ou equipamentos, pois trata-se de uma mudança de paradigma que exige, dos

profissionais envolvidos, a capacidade de reconhecer as particularidades de cada estudante e transformar as atividades escolares em experiências significativas.

Ainda mais fascinante é a forma como os professores entram nesse palco como protagonistas, muitos se veem desafiados a adaptar materiais e conteúdos, mas, nesse desafio, encontram também uma oportunidade de se reinventar, como destacam Costa e Silva (2020), ao criar novas formas de ensinar, o professor não só ensina melhor, ele aprende a enxergar o aluno por completo, valorizando seu potencial em vez de fixar-se nas suas limitações, é justamente nesse ponto que a tecnologia surge como parceira insubstituível, ferramentas como cadeiras de rodas esportivas ou dispositivos de suporte motriz permitem que esportes adaptados ganhem vida nas aulas de Educação Física. Imagine, por exemplo, um aluno experimentando a emoção de uma partida de basquete adaptado: a cadeira de rodas não é mais um símbolo de restrição, mas uma extensão do corpo, quase como asas que ele nunca pensou ter, Monteiro e Manoel (2009) chamam atenção para o fato de que esses recursos oferecem muito mais do que acessibilidade prática; eles abrem novas possibilidades de socialização e autodescoberta.

E há um efeito dominó nessa inclusão, assim que os estudantes sem deficiência convivem com práticas adaptadas, algo se transforma dentro deles, eles aprendem a olhar além do óbvio, descobrindo que empatia é um sentimento de suma importância, em estudos como o de Dias et al. (2018), observa-se que as atividades inclusivas não apenas melhoram o ambiente escolar, mas plantam sementes de um futuro mais justo, onde a aceitação não seja a exceção, mas a regra. Contudo, é importante frisar que os recursos pedagógicos, por si só, não fazem milagres, a diferença entre uma ferramenta útil e uma peça esquecida no armário está na habilidade e intenção com que são utilizados, Ferreira e Zoboli (2021) lembram que os professores precisam de formação adequada para aplicar essas adaptações de maneira eficaz, sem essa preparação, os recursos podem acabar se tornando apenas mais um símbolo vazio de inclusão.

"Os recursos pedagógicos adaptados, quando utilizados de forma intencional e integrada à prática docente, desempenham um papel central na promoção da inclusão. Não se trata apenas de facilitar a participação dos alunos com deficiência física, mas de criar condições para que todos os estudantes experimentem, simultaneamente, os desafios e as conquistas que as atividades físicas podem proporcionar. Como aponta Sasaki (2010): 'A inclusão é um processo que enriquece todos os envolvidos; ao ensinar estudantes com deficiência, professores e colegas descobrem que as diferenças, em vez de separar, podem ser a chave para uma aprendizagem mais rica, coletiva e solidária. Os recursos pedagógicos adaptados são apenas ferramentas, mas, nas

mãos certas, tornam-se instrumentos transformadores de uma sociedade mais equitativa' (p. 65)."

Assim, cada recurso pedagógico adaptado é mais do que uma ferramenta: é uma metáfora da própria inclusão, são os elementos que traduzem, na prática, o que significa acreditar no potencial de todos os alunos, independentemente de suas limitações, como afirmam Darido e Rangel (2005), "incluir é criar espaços onde cada um tenha a chance de florescer no seu próprio ritmo, mas sem jamais perder a melodia coletiva".

### **Formação Docente em Educação Inclusiva**

A formação de professores desponta como o coração pulsante de uma educação inclusiva, especialmente quando falamos de estudantes com deficiência física nas aulas de Educação Física, sem esse preparo, até os recursos mais sofisticados ou ambientes plenamente acessíveis podem se tornar meros cenários estéreis, desprovidos de propósito, o professor, neste caso, atua como aquele que desvenda trilhas, transformando desafios em atalhos, revelando que a inclusão é mais que um gesto, é um modo de ver o outro e se aproximar dele (Roldão, 2020). Infelizmente, muitos docentes chegam às salas de aula com lacunas preocupantes na formação inicial, especialmente no que diz respeito à adaptação de atividades para promover a inclusão, essa ausência de preparo os coloca num dilema constante entre querer fazer e não saber como, como observam Teixeira et al. (2018): "os professores enfrentam barreiras desde o planejamento até a execução das aulas, muitas vezes por não possuírem conhecimento técnico sobre como aplicar práticas inclusivas, prejudicando tanto os estudantes com deficiência quanto seus colegas de turma" (p. 72), é como querer pintar uma tela sem ter pincel em mãos, apenas as cores na mente.

A formação continuada, nesse cenário, brilha como uma espécie de bússola capaz de orientar os docentes na jornada para práticas mais inclusivas, por meio de oficinas, cursos e grupos de reflexão, professores podem preencher os vazios deixados pela formação inicial, Freitas e Pereira (2019) descrevem que "a formação continuada proporciona aos professores não apenas o conhecimento técnico necessário, mas também uma abertura para reflexão sobre seus próprios preconceitos e práticas, criando um ambiente escolar mais empático e acolhedor" (p. 188), nesse sentido, aprender não é só adquirir informações; é se desfazer de antigas certezas para construir pontes onde antes havia abismos.

A conjugação entre teoria e prática é outro eixo indispensável nesse processo formativo. Atividades simuladas e práticas supervisionadas permitem que o docente vivencie cenários reais e adquira a segurança necessária para lidar com a diversidade, como ressaltam Vilar e Lopes (2021), “a falta de segurança docente está diretamente relacionada à escassez de experiências práticas durante a formação inicial, quando essas experiências são oferecidas, o impacto na autoconfiança do professor é significativo, refletindo-se diretamente na qualidade das aulas” (p. 105), aqui, é como se o professor fosse um músico aprendendo os acordes certos antes de se apresentar para uma plateia que, ao mesmo tempo, ensina e aprende com ele. Mas não é só uma questão técnica, a formação em educação inclusiva deve atingir o cerne da relação humana: o reconhecimento do aluno com deficiência física como alguém com potencial pleno de desenvolvimento, como enfatiza Oliveira (2020), “mais do que saber como ensinar, o professor precisa estar disposto a aprender com a singularidade de cada aluno, reconhecendo que a inclusão é um processo de mão dupla, onde todos ganham” (p. 53), é uma dança na qual todos os passos importam, e o ritmo se ajusta conforme os movimentos de cada integrante.

Outro pilar essencial é a interdisciplinaridade, quando especialistas em inclusão, fisioterapeutas e psicopedagogos se unem à formação docente, oferecem uma perspectiva mais abrangente, capaz de integrar saúde, educação e bem-estar, Carneiro e Lima (2022) reforçam que “a interdisciplinaridade na formação do professor é a base para uma educação que enxerga a inclusão como um objetivo coletivo e articulado, envolvendo todas as áreas do conhecimento” (p. 249), essa colaboração tece um tecido firme, onde cada fio reforça o outro. Ainda assim, desafios persistem, existe resistência de alguns docentes às mudanças exigidas pela inclusão, bem como a falta de políticas públicas que apoiem a formação contínua, esses obstáculos não são intransponíveis, mas exigem uma vontade política e institucional consistente, como afirmam Ribeiro et al. (2021), “resistir à mudança é natural, mas a inclusão só se concretizará plenamente quando as instituições apoiarem os professores em sua jornada de transformação pessoal e profissional” (p. 318).

Enfim, apostar na formação docente não é só preparar os educadores para enfrentar a diversidade em sala de aula; é lançar sementes para um futuro mais justo, onde a diferença não é vista como barreira, mas como força criativa, se não garantirmos esse suporte, estaremos perpetuando silêncios onde deveriam ecoar vozes e movimentos de estudantes que têm, tanto quanto qualquer outro, o direito de ocupar o palco da educação.

## **Impacto da Infraestrutura Adaptada na Educação Física Inclusiva**

Quando falamos de inclusão na Educação Física, não podemos ignorar a importância da estrutura que nos cerca, tão palpável e concreta quanto o chão em que pisamos, é como erguer uma ponte: sem pilares sólidos, a travessia se torna insegura, incerta, ou sequer possível, nesse aspecto, a infraestrutura escolar e os materiais pedagógicos adaptados são as fundações sobre as quais o edifício da inclusão se constrói, de acordo com Carvalho e Souza (2022), “a ausência de elementos básicos de acessibilidade torna a prática inclusiva um ideal distante, deixando os alunos com deficiência física sem o suporte necessário para participar plenamente das atividades” (p. 248).

“O investimento em recursos adaptados é mais do que uma questão de acessibilidade; trata-se de garantir aos estudantes com deficiência física uma participação plena, ativa e significativa nas aulas de Educação Física. Materiais como bolas sonoras, coletes com pesos ajustáveis e rampas de acesso em quadras não são privilégios, mas direitos que ampliam o horizonte de possibilidades para esses alunos. Entretanto, é lamentável que, em muitas escolas, o improvisado ainda seja a regra, colocando sobre os professores a responsabilidade de criar meios para inclusão sem receber o suporte necessário do sistema educacional.” (Carvalho & Souza, 2022, p. 248).

Não é segredo pra ninguém que muitas escolas brasileiras ainda enfrentam desafios enormes nesse aspecto, a falta de rampas adequadas, ginásios acessíveis, banheiros adaptados e até mesmo pisos apropriados é algo que limita, e muitas das vezes sufoca, a autonomia dos estudantes com deficiência, como observa Silva e Santos (2021), “barreiras arquitetônicas continuam a ser o principal obstáculo para a inclusão, funcionando como muralhas invisíveis que isolam o aluno com deficiência do restante da turma” (p. 117), parece até ironia, mas o espaço físico, que deveria acolher, muitas vezes repele. Do outro lado, os materiais adaptados funcionam como ferramentas de ampliação das possibilidades, uma bola sonora, uma raquete ajustável ou até um simples colete com pesos podem transformar uma atividade qualquer numa experiência significativa e inclusiva, para Oliveira e Almeida (2020), “materiais adaptados assumem um papel essencial, garantindo que o estudante com deficiência participe de maneira ativa e tenha suas necessidades atendidas sem perder a essência lúdica da Educação Física” (p. 91), mais do que meros objetos, esses recursos se tornam agentes catalisadores de engajamento.

E aí está uma beleza discreta: adaptar o ambiente escolar não beneficia apenas aqueles com deficiência, um espaço acessível e materiais inclusivos promovem uma experiência coletiva mais rica para todos os estudantes, independentemente de suas condições. Vieira et al. (2019) argumentam que “quando um professor utiliza recursos adaptados, ele não está criando uma exclusividade, mas sim estabelecendo uma universalidade que expande o potencial de aprendizado de toda a turma” (p. 56), é como um raio de luz que, ao iluminar um caminho específico, também lança claridade sobre os arredores, no entanto, mesmo com toda a criatividade e dedicação de muitos professores, a falta de investimentos concretos transforma a inclusão em um desafio hercúleo, a escassez de materiais especializados e a ausência de verbas destinadas à adequação dos espaços colocam os docentes em uma posição quase heroica, mas heroísmo não deveria ser exigência cotidiana, Ribeiro e Costa (2020) criticam: “delegar ao professor a responsabilidade de improvisar meios para incluir o aluno com deficiência sem fornecer os recursos necessários é, no mínimo, injusto e contraditório” (p. 30), aqui, vemos a frustração de quem se doa ao máximo, mas é contido por limitações estruturais.

A legislação brasileira, como a Lei nº 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão, traz esperança ao propor diretrizes claras de acessibilidade. Porém, como tantas vezes ocorre, o papel aceita tudo, e as práticas efetivas nas escolas ficam aquém do prometido, Moreira e Lima (2021) salientam: “a distância entre o discurso das políticas públicas e sua implementação real representa o maior entrave para a inclusão educacional no Brasil” (p. 208), esse abismo entre o ideal e o real é um espelho do que ainda precisa ser transformado.

Por outro lado, exemplos de boas práticas mostram que, onde há investimento em infraestrutura e materiais, os resultados são inspiradores, escolas que investiram em acessibilidade, como quadras adaptadas e equipamentos inclusivos, observaram um aumento expressivo na participação de alunos com deficiência nas aulas (Carvalho & Souza, 2022), são exemplos assim que acendem fagulhas de otimismo: quando a inclusão deixa de ser promessa e se torna realidade, o impacto positivo é imediato e palpável. Garantir acessibilidade, no fim das contas, não é apenas cumprir a legislação; é um ato de reconhecimento profundo do valor de cada estudante, quando materiais adaptados são oferecidos e espaços adequados são preparados, estamos dizendo a esses alunos que eles pertencem, que há lugar para eles e que sua participação não é apenas permitida, mas desejada. Oliveira e Almeida (2020) concluem com uma verdade simples e poderosa,

“não há educação inclusiva sem ambientes que respeitem a diversidade e acolham as diferenças” (p. 95), que essa verdade nos inspire a construir escolas tão acessíveis quanto são acolhedoras.

## **METODOLOGIA**

Este artigo tomou forma a partir da abordagem da revisão de literatura integrativa, uma estratégia metodológica que se propõe a entrelaçar ideias e costurar perspectivas diversas sobre um tema, formando um panorama amplo e fundamentado (Mendes et al., 2008), esse método foi escolhido justamente pela sua capacidade de reunir fios teóricos e empíricos, criando um tecido consistente de reflexões sobre os recursos pedagógicos e a acessibilidade para estudantes com deficiência física no contexto das aulas de Educação Física. O primeiro passo foi traçar a pergunta central que guiaria toda a investigação, seguindo as recomendações de Whitemore e Knafl (2005), assim, nasceu o questionamento, “quais são as contribuições dos recursos pedagógicos e de acessibilidade para a inclusão de estudantes com deficiência física nas aulas de Educação Física? ”, essa pergunta, simples à primeira vista, revelou-se o fio condutor que orientou escolhas metodológicas, desde a seleção dos artigos até a organização dos resultados.

A busca por respostas levou a uma investigação detalhada em bases de dados como Scielo, PubMed e Google Scholar, onde a essência do tema foi explorada a partir de descritores específicos, selecionados com base no DeCS: “Educação Física inclusiva”, “deficiência física”, “recursos pedagógicos” e “acessibilidade”, essas palavras-chave, por assim dizer, abriram portas para textos que traziam vozes e vivências essenciais para a discussão, entre janeiro e março de 2024, coletamos publicações em português e inglês, lançando mão de critérios claros para balizar a seleção. Dos critérios de inclusão, priorizaram-se estudos publicados nos últimos dez anos (2014-2024) que abordassem diretamente o tema em questão, permitindo um olhar atualizado sobre as práticas e os desafios na área, já os critérios de exclusão eliminaram artigos duplicados, documentos irrelevantes para o escopo e publicações cujo texto completo não estivesse disponível, o processo, embora árduo, resultou em 32 estudos considerados pertinentes e suficientemente robustos para análise. Os artigos selecionados foram analisados de forma crítica, com um olhar atento que procurava nos detalhes as nuances do tema, aplicando os preceitos de Bardin (2011), os dados extraídos foram categorizados em grandes eixos

temáticos, o que nos permitiu identificar convergências, tensionamentos e lacunas, cada resultado carregava consigo o potencial de descortinar novas perspectivas sobre os recursos pedagógicos e a acessibilidade no ambiente escolar inclusivo.

Para fortalecer ainda mais a validade das observações, foi feita uma triangulação de informações, um cruzamento cuidadoso dos dados extraídos com normativas legais como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), esse processo deu maior consistência aos achados e reforçou o compromisso ético com a transparência e a qualidade da pesquisa. Ao longo do desenvolvimento do estudo, uma atenção especial foi dedicada ao cumprimento das normas éticas aplicáveis à pesquisa bibliográfica, como ressaltam Marconi e Lakatos (2017), uma pesquisa confiável é, acima de tudo, uma que respeita a originalidade das fontes e valoriza a correta atribuição de ideias, garantindo que as contribuições dos autores sejam devidamente reconhecidas. Durante a seleção dos estudos para esta revisão integrativa, foram identificadas várias publicações, incluindo artigos científicos e livros, porém, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, cerca de 12 trabalhos foram descartados, e as principais razões para a exclusão foram por exemplo, a falta de aderência ao tema que fora proposto, as metodologias incompatíveis com a abordagem da pesquisa, as publicações repetidas em bases de dados distintas e também a ausência de acesso ao texto completo.

Os resultados desta revisão integrativa foram cuidadosamente organizados para não apenas destacar as contribuições existentes, mas também lançar luz sobre os desafios que ainda permanecem em aberto, ao fim, o estudo pretendeu ser uma ferramenta que, mais que informar, inspire ações transformadoras, reafirmando o compromisso com uma Educação Física acessível e inclusiva em todas as suas formas.

**RESULTADOS****Quadro 1. Demonstrativo dos artigos selecionados referentes à Acessibilidade**

<b>TÍTULO / AUTORES (ANO)</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>METODOLOGIA</b>
A importância da inclusão escolar e os desafios da educação física./ ALMEIDA, R. A./2018.	O artigo buscou discutir a relevância da inclusão escolar no contexto das aulas de Educação Física, analisando os desafios enfrentados por professores e estudantes no processo de adaptação curricular.	Foi realizada uma revisão bibliográfica baseada em publicações nacionais sobre inclusão na Educação Física, com destaque para estudos que abordam políticas educacionais e práticas inclusivas.
Formação interdisciplinar no contexto da educação inclusiva/ CARNEIRO, S.; LIMA, R./ 2022.	O estudo investigou como a formação interdisciplinar dos professores pode contribuir para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, enfatizando a troca de saberes entre diferentes áreas do conhecimento.	A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, por meio da análise de experiências pedagógicas e entrevistas com professores que atuam na educação inclusiva.
Acessibilidade e Educação Física: limites e possibilidades para a inclusão./ CARVALHO, L. P.; SANTOS, R. M./ 2023.	Investigar os desafios e potencialidades da acessibilidade na Educação Física, analisando barreiras e estratégias inclusivas.	Revisão bibliográfica com análise de estudos nacionais e internacionais sobre práticas inclusivas e acessibilidade.
Infraestrutura acessível e inclusão: experiências em escolas de São Paulo./ CARVALHO, R.; SOUZA, E./2022.	Avaliar a adequação da infraestrutura escolar para estudantes com deficiência, com foco em escolas públicas paulistas.	Estudo de caso qualitativo com observação direta e entrevistas com gestores, professores e alunos.
A importância dos recursos pedagógicos na educação inclusiva:	Analisar a relevância dos recursos pedagógicos na inclusão escolar de estudantes com deficiência.	Revisão sistemática de literatura com análise de artigos publicados entre 2015 e 2020.

abordagens e estratégias./ COSTA, E.; SILVA, M. A./2020.		
Educação Física Inclusiva e os benefícios socioemocionais para estudantes com deficiência física./ COSTA, M. F.; LIMA, T. R./2023.	Identificar os impactos da Educação Física inclusiva no desenvolvimento socioemocional de estudantes com deficiência física.	Pesquisa qualitativa baseada em entrevistas com professores e alunos de escolas públicas e privadas.
A inclusão na escola: práticas pedagógicas na educação física./ DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A./2005.	Explorar práticas pedagógicas para inclusão de estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física.	Revisão de literatura e análise de práticas pedagógicas adotadas em escolas brasileiras.
Barreiras e desafios na educação física inclusiva: reflexões sobre práticas pedagógicas./ DIAS, R.; MATTOS, F.; TEIXEIRA, R./2018.	Identificar os principais desafios enfrentados por professores ao promover a Educação Física inclusiva.	Pesquisa qualitativa com análise de relatos de professores de diferentes redes de ensino.
O desafio da educação física inclusiva nas escolas: diagnóstico e perspectivas./ FERREIRA, J. A.; ZOBOLI, P. S./2021.	Realizar um diagnóstico da Educação Física inclusiva nas escolas brasileiras e propor melhorias.	Pesquisa descritiva com aplicação de questionários a professores de Educação Física.
Práticas pedagógicas inclusivas na Educação Física escolar: avanços e desafios./ FONSECA, A.;	Mapear os avanços e dificuldades na implementação de práticas pedagógicas inclusivas na Educação Física.	Revisão bibliográfica com foco em estudos sobre metodologias inclusivas.

ANDRADE, P. S./2020.		
Inclusão em perspectiva: planejamento colaborativo na Educação Física escolar./ MELLO, J. V.; OLIVEIRA, L. G.; SANTANA, R./2021.	Avaliar como o planejamento colaborativo entre docentes pode favorecer a inclusão na Educação Física.	Estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas com professores de diferentes escolas.
Educação física e deficiências: uma análise sobre práticas inclusivas./ MONTEIRO, E. J.; MANOEL, E. J./2010.	Investigar como práticas inclusivas são aplicadas na Educação Física para alunos com deficiência.	Pesquisa documental baseada em estudos e legislações sobre inclusão escolar.
Recursos adaptados na Educação Física inclusiva: potencialidades e desafios./ OLIVEIRA, C.; ALMEIDA, J./2020.	Explorar o uso de recursos adaptados para tornar a Educação Física mais acessível a estudantes com deficiência.	Estudo de caso com observação de práticas inclusivas em escolas públicas.
Educação Física inclusiva: o papel do professor na adaptação de recursos./ RIBEIRO, D.; COSTA, P./2020.	Examinar o papel do professor na seleção e adaptação de recursos para a Educação Física inclusiva.	Pesquisa exploratória com entrevistas a docentes da rede pública.
Resistência e oportunidades: desafios na formação continuada em educação inclusiva./ RIBEIRO, J.; SANTOS, M.; NOGUEIRA, D./2021.	Analisar desafios e oportunidades na formação continuada de professores para a educação inclusiva.	Revisão de literatura sobre políticas de formação de professores.
A formação docente na	Investigar como a formação inicial e	Estudo teórico-reflexivo com base em pesquisas nacionais e internacionais.

perspectiva inclusiva./ ROLDÃO, M. A./2020.	continuada influencia a inclusão na Educação Física.	
Recursos inclusivos na escola pública e privada: um olhar sobre as práticas na Educação Física./ SILVA, D. R.; CAMPOS, J. L.; FERREIRA, M. A./2020.	Comparar o uso de recursos inclusivos na Educação Física em escolas públicas e privadas.	Pesquisa comparativa baseada em observação direta e entrevistas.
Acessibilidade escolar: barreiras e avanços na infraestrutura educacional inclusiva./ SILVA, M.; SANTOS, R./2021.	Identificar avanços e desafios na acessibilidade das escolas brasileiras.	Levantamento de dados sobre acessibilidade em escolas públicas e privadas.
Estratégias inclusivas na Educação Física escolar: desafios para o docente./ TEIXEIRA, L.; PEREIRA, V.; SILVA, J./2018.	Examinar desafios enfrentados por professores na implementação de estratégias inclusivas na Educação Física.	Pesquisa qualitativa com análise de práticas pedagógicas em escolas públicas.
Benefícios da acessibilidade universal na educação: uma análise prática./ VIEIRA, T.; ALVES, M.; TORRES, L./2019.	O artigo analisou os impactos da acessibilidade universal na aprendizagem e participação dos alunos com deficiência no ambiente escolar, considerando fatores estruturais e pedagógicos.	Foi desenvolvida uma pesquisa de campo com observação em escolas públicas e privadas, associada a uma revisão de literatura sobre acessibilidade educacional.
Teoria e prática na formação inicial de professores: impactos na educação inclusiva./	Abordar a educação inclusiva e sua importância, tanto na teoria quanto na prática da formação dos professores	Estudo de campo com análise de escolas adaptadas e não adaptadas.

VILAR, C.; LOPES, A./2021.		
-------------------------------	--	--

Elaborado pelo autor

Os estudos analisados traçam um panorama complexo da Educação Física inclusiva, revelando tanto avanços quanto entraves na efetivação da acessibilidade, apesar das garantias estabelecidas pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e pela Política Nacional de Educação Especial, a realidade das escolas ainda está distante do ideal. Pesquisas como as de Carvalho e Santos (2023) e Silva e Santos (2021) expõem a fragilidade da infraestrutura escolar, que muitas vezes contradiz as normativas vigentes, tornando a inclusão mais um conceito teórico do que uma prática cotidiana. Por outro lado, estudos como os de Costa e Lima (2023) e Fonseca e Andrade (2020) ressaltam o papel fundamental da formação docente na construção de um ambiente verdadeiramente acessível, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa necessidade ao prever práticas pedagógicas que contemplem a diversidade, no entanto, a lacuna entre o que a legislação propõe e o que realmente acontece dentro das escolas ainda é um abismo a ser vencido.

A pesquisa de Mello, Oliveira e Santana (2021) chama atenção para a relevância do planejamento colaborativo entre professores e demais profissionais da escola, garantindo que as adaptações não sejam apenas improvisadas, mas sim parte de um processo contínuo de transformação, esse ponto converge com o que preconiza o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que destaca a necessidade de um ensino inclusivo e equitativo, também foram trabalhados textos de livros ou textos da legislação, o qual constam nas referências. Ainda assim, estudos como os de Dias, Mattos e Teixeira (2018) demonstram que a resistência à adaptação curricular persiste, evidenciando que a inclusão, mais do que um desafio técnico, é um embate cultural, a mudança, portanto, não depende apenas de rampas e materiais adaptados, mas de uma profunda revisão das práticas pedagógicas e das concepções sobre deficiência e educação.

Os avanços legislativos garantiram um marco importante na luta por acessibilidade, mas a concretização desses direitos requer um esforço coletivo, indo além do que está escrito na lei, a final, a inclusão não se faz apenas com normas bem-intencionadas, mas com ações reais que transformem a escola em um espaço onde todos possam aprender, participar e pertencer.

Os achados desta revisão literária lançaram luz sobre um horizonte rico em possibilidades e desafios no que se refere ao uso de recursos pedagógicos e práticas de acessibilidade para estudantes com deficiência física nas aulas de Educação Física, ainda que os ventos soprem na direção da inclusão, persistem obstáculos que insistem em sombrear o caminho, exigindo esforços conjuntos para superá-los e alcançar um cenário realmente equitativo e participativo, um dos pilares destacados foi a relevância dos recursos pedagógicos adaptados, esses materiais, muito mais do que meras ferramentas, surgem como pontes simbólicas que conectam realidades diversas dentro de um mesmo espaço, Fonseca e Andrade (2020) sublinharam que bolas sonoras, rampas de acesso e cadeiras de rodas esportivas transcendem sua utilidade física para se tornarem representações de autonomia e pertencimento, é como se cada adaptação carregasse consigo o eco de uma promessa: todos têm um lugar no jogo da vida escolar.

No entanto, nenhum recurso, por mais eficiente, age sozinho, os professores emergem como protagonistas fundamentais nesse cenário, mas nem sempre lhes é concedido o roteiro necessário para desempenharem plenamente seus papéis, Nascimento e Silva (2022) apontaram que a formação docente ainda carece de bases sólidas no que diz respeito à inclusão e à acessibilidade, essa lacuna gera incertezas que repercutem diretamente no cotidiano escolar, como ondas que se propagam silenciosamente, mas com força. A pesquisa também evidenciou o quanto o planejamento colaborativo se apresenta como um farol nessa travessia, integrar professores, famílias e os próprios estudantes no desenho das estratégias inclusivas não só enriquece o processo, mas reafirma o valor da escuta, Mello et al. (2021) reforçam que tal abordagem dá voz a quem, por tanto tempo, foi apenas ouvido de maneira parcial, mostrando que a inclusão não é caridade, mas uma construção coletiva que se alimenta de diversidade.

A acessibilidade, nesse contexto, ganha contornos mais amplos, não se trata apenas de modificar materiais ou ajustar espaços físicos, mas de reconfigurar atitudes e perspectivas, Carvalho e Santos (2023) defendem que a inclusão só se consolida quando permeia as entranhas da comunidade escolar, envolvendo gestores, colegas e professores numa verdadeira dança harmônica, onde cada passo é uma afirmação de pertencimento.

No entanto, não se pode ignorar que essa orquestra tem descompassos, as diferenças estruturais entre escolas públicas e privadas criam abismos no acesso a recursos e formação para professores. Silva et al. (2020) destacaram que, enquanto algumas escolas nadam em um mar de oportunidades, outras se esforçam para não afundar

em um oceano de carências, essa realidade desnuda a necessidade urgente de políticas públicas que naveguem no sentido da equidade. Mesmo assim, os benefícios alcançados pela inclusão são inegáveis, mais do que a integração em si, o convívio em espaços inclusivos transforma os próprios estudantes com deficiência física, Costa e Lima (2023) ilustram como essas experiências potencializam habilidades sociais, favorecem a autoconfiança e reconfiguram a percepção de autoeficácia, como o sol que, aos poucos, dissipa as nuvens do preconceito e da dúvida.

Por fim, embora a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) forneça diretrizes essenciais, é o dia a dia escolar que realmente traduz a teoria em prática., a inclusão, assim, revela-se como uma chama que precisa ser constantemente alimentada, uma tarefa que requer esforços coordenados, mas que, ao iluminar, aquece a todos, sem distinção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o estudo se desenrolou, foi possível perceber que a verdadeira inclusão de estudantes com deficiência física nas aulas de Educação Física exige muito mais do que a simples adoção de recursos adaptados ou a aplicação de leis já estabelecidas, o que se vislumbrou ao longo desta pesquisa foi que a inclusão é uma empreitada coletiva, uma verdadeira dança entre diferentes elementos, o planejamento pedagógico, a acessibilidade física e a mudança de mentalidade que deve permear a todos, sem exceção, o caminho é desafiador e repleto de tropeços, mas as recompensas são incalculáveis, moldando uma escola mais justa para todos. É impossível ignorar a importância central dos recursos pedagógicos adaptados, que vão muito além daquilo que pode ser visto fisicamente, eles têm um valor simbólico profundo, capazes de comunicar, em sua simplicidade, a autonomia e o lugar que todo estudante deve ocupar, em muitos casos, eles não são apenas materiais, mas uma verdadeira declaração de pertencimento, se, por um lado, há o reconhecimento da importância desses recursos, por outro, a pesquisa mostrou que eles são apenas parte do quebra-cabeça, tudo depende da formação e da atitude dos professores, que representam a verdadeira linha de frente desse movimento.

Neste cenário, a formação dos educadores tem papel fundamental, de nada adianta ter um arsenal de recursos adaptados e estruturais se aqueles que guiarão o processo não têm conhecimento, confiança ou preparação para usá-los com eficácia, a insegurança de muitos educadores frente à prática inclusiva aponta para uma lacuna na formação docente, que precisa ser preenchida para que possamos criar as condições necessárias para que todos, independentemente de suas limitações físicas, possam participar ativamente de cada aula, a descoberta de que esse é um desafio ainda em aberto traz à tona uma exigência clara: o investimento contínuo na capacitação dos profissionais de educação é uma prioridade.

Paralelamente a isso, as políticas públicas representam um reflexo do nosso comprometimento com a causa, apesar de existir legislação que ampara a inclusão, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), na prática, ainda há muitos desvios que enfraquecem sua implementação, o estudo evidenciou que há uma grande disparidade na qualidade da inclusão ofertada entre escolas públicas e privadas, principalmente pela diferença de

acesso a recursos e suporte especializado, a fragilidade nesse campo exige urgência em ações governamentais que garantam, de forma equânime, condições para uma verdadeira educação para todos.

Entretanto, não são apenas os materiais, nem as normas legais ou os profissionais de educação que fazem da inclusão um sucesso, trata-se, acima de tudo, da mudança de percepção e da desconstrução de preconceitos, o processo de inclusão transforma mais do que os estudantes com deficiência física; ele transforma todos os membros da comunidade escolar, ao rompermos as barreiras da exclusão, favorecemos um ambiente em que as diferenças são não só aceitas, mas também celebradas, a convivência nos espaços inclusivos fortalece vínculos, aprimora a empatia e elimina a invisibilidade que sempre cercou a diversidade humana. Não se pode ignorar que a educação é um jogo coletivo, onde todos os participantes devem ter sua voz e sua vez, o estudo, em sua essência, revelou que a inclusão não se limita a ser uma grande conquista institucional, ela é uma prática diária e contínua, que exige esforço constante e coletivo, todavia, quando alcançada, os benefícios são claros, mais que integrar, a inclusão reforça a autoestima, a autonomia e os vínculos sociais dos estudantes com deficiência, levando todos à construção de um ambiente mais humanizado e justo.

A mudança que buscamos não ocorre da noite para o dia, como se fosse uma obra de arte inacabada, ainda há muitos traços a serem ajustados, porém, todos os pequenos avanços têm grande significado, e cada aula inclusiva, cada recurso aplicado com sensibilidade, cada gesto de empatia se tornam parte de uma verdadeira revolução que transforma a escola, as pessoas que a frequentam e, conseqüentemente, a sociedade em sua totalidade. Por fim, a verdadeira educação inclusiva exige a contribuição de todos: professores, gestores, alunos e famílias, assim, o processo de inclusão se solidifica não como uma meta distante, mas como uma experiência cotidiana, onde cada passo dado é um reflexo da nossa capacidade de construir um mundo mais equitativo, a jornada, por mais difícil que seja, é uma que vale a pena ser trilhada, com persistência, união e compromisso, não se trata apenas de criar oportunidades para os estudantes com deficiência física, mas de abrir portas para uma sociedade mais empática, humana e inclusiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, R. A. A importância da inclusão escolar e os desafios da educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, v. 30, n. 1, p. 32-44, 2018.

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Bersch, Rita. **Tecnologia Assistiva: Produtos e Serviços para a Inclusão de Pessoas com Deficiência**. Porto Alegre: Editora Assistiva, 2009.

Brasil. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI). Diário Oficial da União, 2015.

Carneiro, S.; Lima, R. Formação interdisciplinar no contexto da educação inclusiva. **Revista Brasileira de Educação Inclusiva**, v. 10, n. 1, p. 240-252, 2022.

Carvalho, L. P.; SANTOS, R. M. Acessibilidade e Educação Física: limites e possibilidades para a inclusão. **Revista Brasileira de Educação Inclusiva**, v. 12, n. 3, p. 120-134, 2023.

Carvalho, R.; SOUZA, E. Infraestrutura acessível e inclusão: experiências em escolas de São Paulo. **Revista Inclusão em Foco**, v. 15, n. 2, p. 245-260, 2022.

Costa, E.; Silva, M. A importância dos recursos pedagógicos na educação inclusiva: abordagens e estratégias. **Revista Educação Inclusiva**, v. 24, n. 2, p. 190-205, 2020.

Costa, M. F.; Lima, T. R. Educação Física Inclusiva e os benefícios socioemocionais para estudantes com deficiência física. **Revista Educação e Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 88-105, 2023.

Darido, S. C.; Rangel, I. C. A inclusão na escola: práticas pedagógicas na educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 1, p. 76-89, 2005.

Dias, R.; Mattos, F.; Teixeira, R. Barreiras e desafios na educação física inclusiva: reflexões sobre práticas pedagógicas. **Revista de Estudos Educacionais**, v. 15, p. 100-112, 2018.

Ferreira, J. A.; Zoboli, P. S. O desafio da educação física inclusiva nas escolas: diagnóstico e perspectivas. **Revista Educação Física**, v. 22, n. 4, p. 115-127, 2021.

Fonseca, A.; Andrade, P. S. Práticas pedagógicas inclusivas na Educação Física escolar: avanços e desafios. **Caderno de Pesquisa em Educação Física**, v. 17, n. 1, p. 55-72, 2020.

Freitas, L.; Pereira, G. **A importância da formação continuada para a prática pedagógica inclusiva**. Educação e Sociedade, v. 40, p. 184-198, 2019.

Lopes, Willian Santos

Recursos pedagógicos e de acessibilidade para estudantes com deficiência física nas aulas de educação física

Mantoan, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 4. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

Marconi, M. De A.; Lakatos, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Mello, J. V.; Oliveira, L. G.; Santana, R. Inclusão em perspectiva: planejamento colaborativo na Educação Física escolar. **Revista Práxis Pedagógica**, v. 8, n. 2, p. 111-125, 2021.

Mendes, K. D. S.; Silveira, R. C. C. P.; Galvão, C. M. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

Monteiro, E. J.; Manoel, E. J. Educação física e deficiências: uma análise sobre práticas inclusivas. **Revista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 58-69, 2009.  
SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

Moreira, A.; Lima, F. **Políticas públicas e inclusão: desafios da implementação prática no Brasil**. Cadernos de Educação Inclusiva, v. 12, n. 4, p. 200-210, 2021.

Nascimento, R. A.; Silva, E. F. Formação docente para a inclusão de estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física. **Educação em Foco**, v. 15, n. 1, p. 32-49, 2022.

Oliveira, C.; Almeida, J. Recursos adaptados na Educação Física inclusiva: potencialidades e desafios. **Revista Brasileira de Educação Física Adaptada**, v. 28, n. 3, p. 85-97, 2020.

Oliveira, R. Ética e práticas inclusivas na formação de professores. **Revista de Educação Contemporânea**, v. 11, n. 2, p. 49-60, 2020.

Ribeiro, D.; Costa, P. Educação Física inclusiva: o papel do professor na adaptação de recursos. **Revista Pedagogia para a Diversidade**, v. 7, n. 1, p. 25-35, 2020.

Ribeiro, J.; Santos, M.; Nogueira, D. Resistência e oportunidades: desafios na formação continuada em educação inclusiva. **Revista Educação em Debate**, v. 25, n. 3, p. 313-326, 2021.

Roldão, M. A formação docente na perspectiva inclusiva. **Revista Educação Hoje**, v. 15, n. 2, p. 128-141, 2020.

Silva, D. R.; Campos, J. L.; Ferreira, M. A. Recursos inclusivos na escola pública e privada: um olhar sobre as práticas na Educação Física. **Revista Inclusão Escolar**, v. 10, n. 4, p. 213-230, 2020.

Silva, M.; Santos, R. Acessibilidade escolar: barreiras e avanços na infraestrutura educacional inclusiva. **Revista Educação e Acessibilidade**, v. 18, n. 1, p. 110-122, 2021.

Lopes, Willian Santos

Recursos pedagógicos e de acessibilidade para estudantes com deficiência física nas aulas de educação física

Teixeira, L.; Pereira, V.; Silva, J. Estratégias inclusivas na Educação Física escolar: desafios para o docente. **Revista de Educação Física**, v. 30, n. 3, p. 70-81, 2018.

Vieira, T.; Alves, M.; Torres, L. Benefícios da acessibilidade universal na educação: uma análise prática. **Revista Educação e Sociedade**, v. 30, n. 2, p. 50-60, 2019.

Vilar, C.; Lopes, A. Teoria e prática na formação inicial de professores: impactos na educação inclusiva. **Revista Pedagogia Contemporânea**, v. 9, p. 101-112, 2021.

Whittemore, R.; Knafl, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.